

UM CONTO DE NATAL DE
NILSEN AZEVEDO



OLHOS DE SEMENTE

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE
NILSEN AZEVEDO

OLHOS DE SEMENTE

“Nunca vou me esquecer do dia em que andamos em fila pela estrada”, falei, pigarreando para endurecer a voz. Ela balançou a cabeça, me incentivando a continuar. “Meu cabelo só cresceu cinco dedos desde então, mas parece que faz mais, bem mais. O tempo, descobri, passa mais rápido sem a vigília dos olhos de semente...”

Eu tinha seis anos quando a Mais Velha Cícera me contou sobre a criatura de olhos amarelos na floresta. Nós estávamos em casa, fazendo uma das bonecas de proteção que pendurávamos do lado de fora das portas.

“Não é para entrar na mata fechada. Entendeu, Olga?”, advertiu minha avó, dando um nó apertado em um fiapo de palha para formar o pescoço da boneca. “A gente não tem nossa casa?” Ela olhou ao redor, para a casinha com chão de terra batida. “A criatura também tem a dela. Fica ali, no meio das árvores.”

“Ela não machuca a gente?”, perguntei, examinando uma das sementes espalhadas pelo chão.

“Ela só vai atrás de quem entra na floresta. Mas às vezes gosta de passear pelas redondezas. Por isso que nós fazemos os amuletos e não saímos depois que escurece”, falou a Mais Velha Cícera, colando as sementes para formar os olhos da boneca e contemplando o resultado.

As bonecas, explicavam as Mais Velhas, enxergavam por nós o que não podíamos ver. Se vissem a criatura, seus olhos caíam para nos blindar do mal. Com os fiapos de palha em volta do pescoço, as bonecas mais pareciam amaldiçoadas e enforcadas com suas próprias tripas do que com escudos de proteção.

Éramos dezessete Moças, treze Velhas e sete Mais Velhas. As mulheres da mesma família moravam juntas em um dos vários chalés espalhados pelo terreno. Havia quatro camas em casa, mas uma estava vazia havia dois anos, desde quando a Moça Ofélia, minha irmã, foi pega pela criatura em uma noite de verão. Ofélia logo virou o conto admonitório da comuna, substituindo a história de uma Moça que foi colher frutas nas margens da floresta e nunca mais foi vista. Ouvei seu nome muitas vezes, sempre em lições de moral, nunca em tom saudoso. Quem era pega pela criatura era dignificada por apenas alguns dias depois da morte; depois virava proscrita, uma vergonha, uma fábula para educar as outras.

A notícia foi dada por uma das Mais Velhas.

“A criatura deixou uns ossos para trás”, disse a Mais Velha Francisca, colocando farinha no óleo de carrapateira e mexendo. Seus emplastros de mamona eram muito requisitados para sarar feridas. “Guardei o que sobrou em uma caixa. Vamos enterrá-la mais tarde.”

Ofélia descansou em um entardecer abafado e cheio de vagalumes. Todas compareceram. A Mais Velha Carmem, cujo rosto era marcado por uma cicatriz que cruzava sua boca, entoou uma música triste. Apertei um ossinho de Ofélia, que havia surrupiado da caixa e transformado em pingente, e chorei. A Velha Lúcia, minha mãe, me consolou, pousando seus dedos de artesã nos meus ombros. Deixamos flores ao lado da lápide de madeira e fomos embora antes que escurecesse. Cheguei a trocar as flores algumas vezes, mas desisti depois de duas ou três semanas. Não achei que Ofélia fosse querer me ver pranteando sua morte por muito mais tempo. Ela sempre olhava para o que vinha à frente; não era de ficar ruminando o passado.

Eu e outras Moças nos reuníamos em segredo nas noites em que a lua sorria no céu. Ficávamos nas ruínas da capela, acomodadas entre as pedras gastas e sentindo a grama pinicar nossas pernas. O jatobá, usado pela Mais Velha Francisca para fazer chás curativos e pela Velha Dolores para fazer licores e geleias, tinha um tronco grosso que nos escondia.

Nós nos sentávamos em círculo, com os joelhos se tocando. Alguém sempre levava uma vela. O olho do afresco tombado no chão nos observava, a boca emitindo um grito silencioso com a nossa afronta perante as regras. Além de sermos proibidas de sair à noite, também éramos desencorajadas a sermos amigas.

“Onde está a Antônia?”, perguntei. Das dezessete Moças, apenas oito tinham idade para frequentar os encontros.

“Ela está com a Velha Rosana adiantando o almoço de amanhã”, respondeu Domitila, a vizinha dela, dando um peteleco em uma formiga. “Acho que já estão acabando.”

“Espero que não seja frango com quiabo de novo”, resmungou alguém.

“Não deve ser. Ouvi uma das Velhas dizer que os quiabeiros deram fungo.”

“A Maitê já está melhor?”, quis saber uma das Moças.

“Ainda está com os joelhos esfolados, mas o pior já passou”, respondeu Laura, a irmã mais velha, sorrindo. Maitê teve que ajoelhar no meio por duas horas porque havia deixado a porta do galinheiro aberta.

“Alguém sabe quando vai ser o festejo de primavera?”

“Não falaram nada ainda”, respondi, e as outras concordaram em murmúrios.

A noite estava fresca, e o vento trazia até nós o cheiro de feno. Sem sinal de Antônia, decidimos começar a reunião. Seguindo os passos de Ofélia, que havia criado o costume quando fez quinze anos, bati três palmas para saudar a noite e entabular o encontro. As outras fizeram o mesmo, tomando o cuidado de abafar o som. Rolhas estouraram e copos e canecas foram enchidos de vinho afanado da adega. Algumas abriram cestas abarrotadas de pão, outras levaram frutas adocicadas. Nós nos empanturramos ao som de risadas e fofocas, que vez ou outra eram silenciadas para que ouvíssemos a floresta e a comuna.

Quando as migalhas cobriam o chão e o vinho já tinha soltado a língua de todas, Antônia chegou, limpando as mãos no avental sujo de sangue. Ela cheirou as pontas dos dedos e gemeu de asco, então Domitila ofereceu um galho de lavanda para ela. Antônia agradeceu e esfregou as mãos nos botões roxos, depois raspou as botas na grama, se sentou e bebeu uma golada de vinho.

“Maitê começou a perguntar sobre a comuna”, confessou Laura, torcendo a barra do vestido. “Ela levou um tapa na boca ontem.”

“As Velhas e as Mais Velhas não gostam de perguntas”, falou Cecília, mordiscando a pele ao redor do polegar. Antônia concordou, um pouco carrancuda, arrancando uma folha da relva.

“Ela quis saber onde caem os raios, já que as Mais Velhas dizem que nós somos o útero do mundo”, continuou a irmã de Maitê.

“E você falou o quê?”, perguntei.

“Que Deus louva quem confia em Sua providência. Depois dei boa-noite e fui me deitar.”

Alguém recomendou compressas de camomila para os lábios de Maitê e, depois disso, ficamos em silêncio. Sempre nos calávamos quando alguém tocava naquele assunto. Não havia o que fazer. A Mais Velha Cícera dizia que era impossível sair da comuna. A criatura, forte e nefasta, destruiria os ancinhos e forcados. Com seus olhos amarelos, faria com que nos perdêssemos na floresta. Era melhor ficar ali, na redoma de árvores e chalés.

Às vezes, ao olhar para os rostos ansiosos na penumbra, eu me perguntava o que aconteceria se contássemos segredos umas às outras, se erguêssemos as tesouras de poda e as facas de carne e os serrotes e as facas de caça e desfiássemos o véu de seda que nos separava da verdade.

Não levei muito tempo para descobrir.

Madrugada adentro, começou a esfriar. Nós esvaziamos as garrafas, comemos as últimas fatias de pão e, lambendo os dedos, arrumamos tudo para não deixar nenhum vestígio. Logo antes de alguém apagar a vela, Antônia apontou para o meu amuleto, pendurado entre os seios, e disse:

“Osso de coelho dá sorte? Achei que fosse só o pé”.

“Coelho? Este osso é de Ofélia.”

“Ofélia?”, repetiu ela, visivelmente confusa. “Não, Olga. Conheço um osso de coelho quando vejo um. Eu desosso coelhos quase toda semana. Posso?”

Não respondi. Antônia se adiantou e tocou no osso, colocando-o na mão estendida e medindo seu peso. Àquela altura, todas estavam à nossa volta, ouvindo. Um rubor tomou o pescoço de Antônia e subiu até as bochechas, como quando pintávamos os lábios e as maçãs do rosto com amoras na primavera.

“E então?”, indagou Domitila.

“É mais leve. E muito pequeno para ser humano”, sussurrou Antônia, soltando o pingente. “Olga, eu não sei quem te disse que esse osso era de Ofélia, mas não é.”

Nós nos entreolhamos. Na luz bruxuleante da vela, vi alguns rostos só pela metade. Alguém soprou a chama, como se para apagar os olhares subitamente acesos e inquietos, e voltamos para nossas casas. Algumas foram dormir e esquecer; outras foram se despedir em silêncio.

Na noite salpicada de estrelas, cruzamos as margens da floresta, com os cenhos empalidecidos e os corações batendo depressa. Eu, Antônia, Domitila e Cecília adentramos o território proibido. Dez metros para dentro da mata, já não se podia ver a comuna; os chalés com chão de terra batida ficaram para trás, assim como os únicos rostos que conhecíamos até então. Quarenta metros adiante, ouvimos o badalo de um sino. De braços dados, avançamos sem medo, os passos em sincronia. E quando a mulher de olhos amarelos apareceu diante de nós, nua como a lua e com cabelos até o tornozelo, não trememos, pois sabíamos que, embora nunca diriam as Mais Velhas, estávamos fazendo a coisa certa.

Ela nos olhou sem dizer nada, as íris fulvas brilhando como um archote, e caminhou diante de nós, empunhando o sino com os dedos de unhas longas e pontiagudas. Avançamos por muito tempo, ouvindo apenas os galhos quebrando sob nossos pés. Nem se quiséssemos trocar olhares conseguiríamos; no breu da floresta, a mulher de olhos amarelos era tudo que víamos, nosso norte, o único ponto de referência.

No romper do dia, ela nos deixou na borda de um caminho duro, plano e escuro, que se estendia por muitos metros, como uma serpente cortando a paisagem. A criatura de olhos amarelos nos encarou e, tocando o sino uma única vez, nos deu as costas, se embrenhando na mata.

“E agora?”, perguntou Cecília, com a voz vacilando. Ela bateu os pés descalços no chão para se certificar de que era firme.

“Agora a gente olha para o que vem à frente sem ruminar o passado”, falei. “Aquela terra não vai nos consumir nunca mais.”

Formamos uma fila e começamos a caminhar na beira da estrada — era esse o nome, como vim a aprender. Na comuna, quatro pares de olhos de semente caíram. As camas ficaram para sempre vazias. E nós viramos o conto admonitório predileto das Mais Velhas, a história das quatro Moças pérfidas que desataram o nó de palha em seus pescoços, rasgaram o útero com ossos e dentes e foram embora sem olhar para trás.

NILSEN AZEVEDO é tradutora e editora das marcas DarkLove e Magicae da DarkSide® Books. Pós-graduada em Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, desde 2018 edita livros escritos por mulheres, ajudando a dar visibilidade a novas vozes femininas na literatura. Como tradutora, assinou livros como *Gótico Mexicano*, *Rastro de Sangue: O Grande Houdini* e *Ela e o Monstro*. É autora dos contos “Os Lobos na Praia do Pastor” (Café Espacial, 2023), “A Procissão das Almas Perdidas” (DarkSide® Books, 2022) e “O Casebre na Mata de Brejo” (DarkSide® Books, 2021).

